

O DESENVOLVIMENTO DA CONSCIÊNCIA NACIONAL EM *SAGRADA ESPERANÇA*

*Suzana Rodrigues Pavão**

RESUMO

O presente ensaio assume em seu título o conceito de “consciencialização” e discute os diversos sentidos de consciência e inconsciência ligados à expressão da angolanidade que os poemas do livro *Sagrada esperança* encaminham. Percebendo a angolanidade como a grande preocupação de uma geração de escritores que ajudou a construir o projeto de consciência necessária à formação da nação angolana, propõe demonstrar como tal conceito está presente no livro, definindo uma elaboração que deseja ser completa e ideal.

Palavras-chave: Agostinho Neto; *Sagrada Esperança*; Consciencialização; Angolanidade.

O meu título é derivado do nome de um dos poemas de *Sagrada esperança*, denominado “Consciencialização”, e também das diversas ocorrências do conceito de consciência e inconsciência de angolanidade nos poemas de Agostinho Neto. Existe entre os estudiosos de literatura afro-portuguesa, assim como no poeta Agostinho Neto, uma profunda preocupação com a forma de apresentar e discutir o conceito de consciência e inconsciência de nacionalidade.

A conscientização que percebi em alguns aspectos de meus estudos da sociedade angolana sugeriu-me a existência desse tema na poesia de Agostinho Neto, além de outros autores da literatura angolana, em que há o apego à terra e às raízes como instrumento de união das etnias e forma de se evitar a estratégia dos colonizadores de incentivar as diferenças. Na concepção que estou adotando, o termo “consciencialização” caracteriza o acesso à consciência de aspectos da experiência social e

* Universidade Federal Fluminense.

coletiva excluída da percepção consciente do sujeito individual. Poderíamos entender como consciência individual a que se prende às particularidades de determinada etnia ou tribo. Em particular, o meu título pretende sugerir a idéia de que essa definição de consciencialização se pode analisar em termos de uma concepção de consciência como um processo que se realiza apenas por estágios.

Análise do significado global dessa experiência pode ser encontrada em diversos momentos da obra de Frantz Fanon, **Os condenados da terra**, em particular no terceiro capítulo, em que o autor mostra as etapas vividas pelos colonizados até chegarem ao estado de oposição direta ou reação agressiva contra o inimigo. Mas como motivo organizador da poesia de Agostinho Neto, a análise encontra-se apenas em um esboço inicial. Russell Hamilton, em **Voices from an empire** (1975), também trata de alguns aspectos dessa temática, no capítulo sobre a poesia de Angola, que passa por variantes temáticas como evolução do estágio de consciência nacional.

Na língua portuguesa, Agostinho Neto encontrou o tema do desenvolvimento da consciência em duas formas diferentes. Na sua primeira forma, a que denominarei de clássica, o poeta representa a inibição da consciência e o seu progresso, de um estágio inicial de ignorância para um estágio terminal de conhecimento, cognição. Ao ir a um dos grandes poetas da língua portuguesa, Cesário Verde, **Sentimento de um ocidental** representa em termos clássicos a falsificação da consciência causada pelas condições impostas pela metrópole moderna. Própria desse modo de representação é a existência de um postulado segundo o qual a consciência é condicionada pelos aspectos da percepção. Na sua segunda maneira, a que denominarei romântica ou sublime, a consciência é marcada como uma doença do espírito. Dessa maneira, o poeta procura representar o desenvolvimento da consciência desde o seu nascimento até a sua dissolução. Ainda exemplificando tal ponto de vista com poetas da língua portuguesa, constatei que Fernando Pessoa representa a consciência como doença nos poemas de Álvaro de Campos e o triunfo da sua dissolução no “Guardador de rebanhos”, de Alberto Caeiro. Os poetas que formaram a revista **Presença** asseguraram a sobrevivência da metáfora romântica de Pessoa sob a forma de uma distorção do estado de graça anterior. Ergueram o motivo da dissolução da consciência ao tema “presencista” da evasão. O mesmo tema encontramos em alguns poetas da revista **Claridade**, adaptado ao *ethos* de Cabo Verde.

Dessa forma de representação verifica-se que as percepções são condicionadas pela consciência. No modo clássico representa-se como os dados dos sentidos falsificam a consciência; no modo romântico, como sendo os próprios dados dos sentidos.

Por volta de 1940, o modernismo português tinha esgotado as possibilidades do tema da dissolução da autoconsciência, então já sob a forma de evasão, como se pode ver na poesia de José Régio e Branquinho da Fonseca. Assim, os poetas do

“Novo Cancioneiro”, de que Agostinho Neto encontra-se mais próximo na escrita do que no espírito, tentam regressar à representação da realidade como uma ilusão criada pelo estado fascista.

Em Angola, a justificação da dominação colonial portuguesa requeria como pré-requisito de credibilidade a proposta do sistema colonial como um sistema insubstituível. As instituições administrativas do sistema colonial eram construídas a partir da presunção legal e fátua da inadequação do nativo para sobreviver ao lado de povos civilizados. É evidente que essa inadequação é vista através dos olhos e dos interesses do colonizador e de seu sistema sociopolítico. As atitudes da burguesia colonial diante da cultura local exprimem a transformação presumida em experiência. O sistema colonial é encarado como insubstituível e a cultura local como “naturalmente” inferior. O mito da incompetência natural do nativo é por sua vez tornado possível e evidente pela deliberada política de analfabetismo e exploração econômica a que são submetidos os habitantes da terra, sempre encarados como seres humanos inferiores ou até em estado de subumanidade. Nas cidades, viviam nos musseques, isolados do mundo dos brancos colonizadores, aglomerados em péssimas habitações, sem nenhuma higiene ou conforto. Já no campo, viviam explorados pelos brancos, que foram tomando posse das terras que representavam seu lar e sustento, passando a servir de mão-de-obra que só aumentava a riqueza dos colonizadores. Cabia ao angolano servir ao colonizador nos afazeres domésticos, nas lavouras e na mineração, para ser sempre criticado por sua incompetência, aliada a credices que só levavam ao atraso mental. Teriam assim uma justificativa para “obrigar” o nativo a ouvir e aceitar a catequese, convencendo-os, pelo menos externamente, de que só assim, um dia, seriam civilizados.

Dessa forma, cabe ao nativo introjetar o mito da sua incompetência e passar a ver-se do ponto de vista oferecido pela burguesia colonial. Essa burguesia é quem proporciona os termos e as imagens com que o nativo se vê, num espelho distorcido. Aliás, intencionalmente distorcido.

Essas imagens solidificam-se sob a forma de mitos que passam a circular como a caracterização da consciência nacional, como a introjecção dos mitos postos a circular pela burguesia colonial. Essa burguesia, em nenhum momento, pensou em entender ou mesmo respeitar as diferenças culturais existentes entre os povos. Os termos e as imagens com que o nativo se vê a si próprio.

Em *Sagrada esperança*, Agostinho Neto adota, em sua essência, o modo mimético, regressando à linhagem conceitual iniciada por Cesário Verde. Do modo romântico, entretanto, o poeta militante conserva a metáfora da consciência como doença, esforçando-se por lhe atribuir um significado diferente.

Seu esforço consiste em fazer uma análise dos termos da falsificação da consciência de modo a criar as condições da sua substituição pelos termos da verda-

de. Essa concepção é expressa por ele na imagem do “sintoma” no poema “O choro de África” (Neto, 1987, p. 139).

Os dados imediatos da consciência, concebidos como uma ilusão criada pela burguesia colonial, permanecem num estágio que previamente refletem a consciência. Assim, a definição da consciência nacional continua a ser feita, na estética da diferença, com os termos propostos pela burguesia colonial. Por outras palavras, os mitos por meio dos quais o nativo é desconstruído pela burguesia colonial são conservados como definidores da consciência nacional. O poeta, nesse primeiro momento, restringe-se a inverter o juízo de valor associado ao mito. Dessa forma, enquanto a burguesia colonial vê o nativo como um corpo que não satisfaz o cânon estético europeu, nos poemas dos poetas que querem se afirmar a visão do negro é mantida como um corpo, não já inestético, mas agora apresentando a visão do belo. José Craveirinha exprime essa concepção no seu poema “Manifesto”.

Oh!
Meus belos e curtos cabelos pretos
E meus olhos negros
Grandes luas de pasmo na noite mais bela.
(Craveirinha, 1980, p. 33)

A poesia do primeiro momento exprime uma variante irrefletida da consciência da burguesia colonial, não exprime ainda a sua contradição.

Não se analisa em que condições o corpo do nativo veio a ser visto como inestético. Ao longo da **Sagrada esperança**, esse corpo é diversas vezes contemplado, não como inestético ou belo, mas como instrumento de servidão e de libertação.

O tema do desenvolvimento da consciência em **Sagrada esperança** será por mim analisado através de três estados que irão se somando. Esses três estados irão corresponder ao desenvolvimento feito por Frantz Fanon no Segundo Congresso dos Artistas e Escritores Negros, em 1959. Fanon os classifica como Condenação, Apelo e Comando, o que farei corresponder ao estado de inconsciência, despertar da consciência e conscientização propriamente dita.

Este é o estado ainda da inconsciência. Pretendo caracterizar a circunstância de o sujeito poético não ter acesso aos modos de formação dos objetos da consciência. Considero que esse estágio se identifica com os mitos impostos pela ideologia dominante e toma a forma de apropriação inconsciente. O sujeito poético vê-se alienado da sua experiência, e nela se inclui apenas passivamente. A frustração produzida por tão limitada participação no curso da realidade é expressa no que Agostinho Neto chama de sintoma, no choro do poema “O choro da África”.

Dá-se a mutilação da consciência do nativo pelo regime colonial e tal fato é perfeitamente constatado em “Quitandeira”, poema em que o poeta representa a

consciência da alienação sob a desilusão de se vender a si próprio para conseguir se possuir: “Talvez me vendendo/Eu me possua” (p. 612).

Mas talvez a imagem que mais exprima a condição de passividade do sujeito poético seja: “O sol/entrega Sá Domingas à lua” (p. 65).

O sujeito ativo é o sol e Domingas é apenas o objeto da relação entre o sol e a lua. As Domingas estão nas mãos de poderes que elas não sabem que podem controlar. São os poderes que cobram os impostos. Para o pagamento, Sá Domingas tem que fazer o turno da noite na quitanda.

O emprego de cores e sombras em muitos poemas demonstra o estágio da inconsciência. No poema “Partida para o contrato” a imediata urgência do impacto da cor é assegurada não só pelo minimalismo de meios métricos utilizados, como também pelo fato de os verbos serem conjugados no presente. A mulher, no porto, vê o navio que transporta o seu amor para São Tomé afastar-se do cais. O sol, o barco, o mar tornam-se escuros. O céu fica sem estrelas e a terra sem luz: “O céu escurecendo a terra/E a alma da mulher” (p. 49).

Já no poema “A noite” a cor é usada para exprimir a cegueira espiritual. O sujeito do poema é descrito como encostado aos seus sonhos sem forma, de braço dado com fantasmas, na procura inconsciente da sua identidade:

Pelas ruas sem luz
Desconhecidas
Pejadas de mística e terror. (p. 68)

O desaparecimento da consciência também é representado por meio de sombras. O poema “Desfile de sombras” divide-se em duas partes. A primeira está centrada no mito da idade do ouro, na visão de uma esperança impossível: “Esta saudade do nada/ Esta loucura” (p. 70).

Na segunda parte, o mito é abandonado e a voz poética regressa à realidade do presente. Mas o presente mostra apenas a alienação do homem de consciência dispersa. O arquétipo da diáspora, realizado em **Sagrada esperança** no tema do contrato, pode ser encontrado em poemas como “Havemos de voltar” e “Desterro”. A sua extensão natural é o motivo da dispersão da consciência, entre o passado não realizado no mito e o presente que não se chega a realizar.

As sombras também assumem a ilusão platônica, como uma representação do estado de consciência que precede o conhecimento. Em “Sombras”, o poema de autoconsciência de **Sagrada esperança**, as sombras são vistas a tatear o nada. São as sombras dos homens que chegaram e não se acharam, que na sua ignorância perguntam à morte o que é a vida:

Arrastando
“a laia de glória”.
grilhetas e cadeias. (p. 73)

A impossibilidade de contribuir criativamente na formação da realidade presente torna possível e parcialmente gratificante a alienação da consciência para as dimensões visionárias ou idealistas do tempo: o passado e o futuro. Agostinho Neto chama a essa configuração da consciência, dividida entre a compulsão de repetir o passado e a de regular o futuro, de esperança visionária. Em particular, sob a influência da esperança visionária, o sujeito poético procura contemplar a sua experiência futura como a graça espontânea da ordem natural. O futuro não é considerado na relação com o presente, mas visto como um complexo autônomo sob a forma de um mito de redenção.

Mas não é possível reconciliar a experiência vivida com a experiência visionária. A crueza da experiência prova que a esperança é uma fuga transitória da realidade, uma ilusão que tem que ser substituída pela apreensão direta da realidade sem a qual o sintoma, o choro de África, não será eliminado. Em “Adeus à hora da largada”, Agostinho Neto mostra como a esperança neurótica, a ilusão proposta pela mãe, é a origem da consciência dispersa: “Mas a vida/ Matou em mim essa mística esperança” (p. 47).

Mas o fim da ilusão não é o fim da esperança. Esta pode renovar-se sob a forma de uma ação que transforma o mundo da ilusão servil, o mundo do passado. Mundo do passado, mundo da luz.

Essa transformação far-se-á por estágios. Em “Não me peças sorrisos”, Agostinho Neto mostra como o princípio dos três estágios é usado para transformar o mundo da servidão no mundo da liberdade. Assim, o sorriso pedido à voz poética no primeiro estágio só será concedido no terceiro.

Esse estágio de desenvolvimento da consciência é o que Fanon denomina de Apelo. Considero-o o despertar da consciência. É a circunstância em que o sujeito poético inicia o acesso à formação dos objetos da consciência. Nesse momento os mitos da ideologia dominante são eliminados da consciência. O sujeito poético encontra-se no processo de formular a sua própria experiência. A passividade constatada anteriormente é substituída pela consciência reflexiva ou autoconsciência. Colocado um ponto final nos aspectos marcados pela ideologia dominante, o sujeito poético está agora em condições de entrar no que Agostinho Neto chama de o caminho das estrelas.

Em “Kinaxixi” a representação da inconsciência cede lugar à primeira indicação da marcha a caminho das estrelas. O poema explora o efeito de se encontrar a noção de que o conflito foi resolvido, de que é possível determinar a solução para o problema da vida. Na primeira parte do poema a voz poética segue a visão da realidade tal como observável do banco de “Kinaxixi”: “As faces negras da gente/Exprimindo ausência” (p. 86).

E do sol quente das seis horas da tarde, na primeira estrofe, até o pôr do sol

da última estrofe, a voz poética encontra a luz que se acende para mostrar que é preciso iniciar a marcha.

Característico das dificuldades da transição da inconsciência para o despertar da autoconsciência é o poema “Mussunda amigo”. Embora não se possa dizer que **Sagrada esperança** possua uma deliberada textura narrativa, a obra apresenta uma série de tipos que se impõem sem esforço, com nitidez. São eles: Mussunda, Domingas a quitandeira, a mulher do Manuel, tipos bem representativos.

Mussunda representa a força da inocência, a energia que restitui o poeta à vida, livrando-o do mal. O triunfo inocente de Mussunda sobre o mal é substituído pela construção do bem, que se alcança no último estágio do desenvolvimento do processo de conscientização. A autoconsciência aparece assim como a negação da perspectiva da inocência.

Em “Confiança”, o novo papel ativo e criador da consciência que transcende a inocência de Mussunda é expresso por: “As minhas mãos colocaram pedras/ Nos alicerces do mundo” (p. 79).

O sujeito poético está agora interferindo na estruturação do novo mundo. A inconsciência é substituída pela certeza:

E do drama intenso
Duma vida intensa e útil
Resultou certeza. (p. 79)

Essa certeza fertiliza as mãos que constroem a realidade e em “Sangrantes e germinantes” as mãos abrem-se para o futuro: “Nos nossos dedos crescem rosas/ Com perfumes” (p. 98). E o poeta conclui:

Mãos acenos de amor em todo o mundo
...
Mãos em futuro-sorriso inspiradoras. (p. 99)

Em “Na pele do tambor”, o gesto transforma-se para celebrar o presente que nasce:

As mãos entrelaçadas sobre mim
... em gargalhadas e alegrias
...
dão-me o tom de minha África
dos povos negros do continente que nasce. (p. 99)

As mãos esculturais são apresentadas como instrumento de destruição. A consciência falsificada pela ideologia colonial constrói a sua própria destruição:

Eu vejo
As mãos esculturais

Dum povo eternizado nos mitos
Inventados nas terras áridas da dominação
As mãos esculturais dum povo que constrói
Sob o peso do que fabrica para se destruir. (p. 99)

O aspecto complementar dessa visão é a do passado finalmente conquistado, o momento de amor que desperta quando o gesto representa a fertilidade plena: “As mãos esculturais dos fortes que são o povo/ E rosas e pão” (p. 101).

A libertação do passado é seguida pela angústia da consciência do presente. Trata-se da angústia, de encontrada a verdade proibida pela polícia colonial, de que a independência é possível e mostrada de forma febril na substituição dos fechos das portas. É devido a essa angústia que a história começa propriamente a desenrolar-se, contrariamente aos movimentos anteriores em que esta se mantém imóvel.

Nessa fase, o sintoma de África, ligada a sofrimento, dor e lágrimas, é eliminado e torna-se possível vê-la com os olhos secos. A clareza de visão que se segue à liquidação do choro de África é explicitamente indicada em “À reconquista”:

Não chores África dos que partiram
Olhemos claro...
.....
Não te feches no castelo das lucubrações infinitas
Das recordações e sonhos que podias ter vivido. (p. 96)

A reconquista é a decisão de enfrentar a realidade: “Vem comigo.../ Descobrir o mundo real” (p. 97).

Em “O Caminho das Estrelas” é a redução do ideal abstrato aos dados imediatos dos sentidos:

Não abstrato
...
mas concreto
vestido de verde
do cheiro novo das florestas depois da chuva. (p. 94)

É a consciência que acorda do passado para a recuperação dos dados dos sentidos no presente. Os órgãos do sentido são, agora, os órgãos da liberdade:

A liberdade nos olhos
O som nos ouvidos,
Das mãos ávidas... (p. 95)

O acesso à realidade faz com que a consciência se encontre finalmente em condições de intervir na sua alteração.

As condições associadas ao terceiro estágio do desenvolvimento da consciência são aqui nesse momento desenvolvidas. É o estágio que Fanon chama Coman-

do e que considere ser o verdadeiro estágio de conscientização criado a partir dos dados da realidade do segundo estágio. Demonstra-se que a consciência é capaz de formular a síntese entre a inconsciência do primeiro estágio e a autoconsciência do segundo. A consciência reflexa do estado anterior é substituída pela alteração violenta dos dados imediatos da experiência. É então que o sujeito poético pode sentir-se no que Agostinho Neto chama de o festim.

A idéia que melhor representa a síntese desse terceiro momento é a de criar com os olhos secos, expressa em “Criar”. Porém, esse poema só nos leva à compreensão se iluminado pelo poema “O choro da África”. Este é fundamental porque propõe os termos da análise que faz da formação da consciência sob o regime colonial. O choro como sintoma é a sua característica definidora. Mesmo Mussunda, que representa, sob o regime colonialista autoritário, a perspectiva do triunfo da inocência sobre o mal, não escapa ao sintoma. Por esse motivo, Mussunda é apenas a figura da liberdade, não a sua encarnação. O choro de África é a corrupção da verdade inventada, evidentemente, pela burguesia colonial: “O choro do século/Inventado na servidão” (p. 139).

O choro da África é um compromisso, uma solução parcialmente satisfatória, entre o desejo de mudar a realidade e a percepção da sua aparente impossibilidade. É a esse compromisso, à substituição do desejo por sua satisfação parcial que o poeta Agostinho Neto chama de sintoma. Em contraste com a solução de compromisso. Ele nos propõe a satisfação total do desejo, a eliminação do sintoma seguindo-se necessariamente da visão de olhos secos:

Nós temos em nossas mãos
Outras vidas e alegrias desmentidas nos lamentos
Falsos de suas bocas...
E amor
E os olhos secos. (p. 140)

O refrão “criar com os olhos secos” exprime a nova modalidade da consciência. Ao choro do homem de África segue-se a criação do homem novo:

Criar no espírito criar no músculo criar no nervo
Criar no homem criar na massa
Criar com os olhos secos. (p. 108)

O homem novo cria as condições novas da sua experiência e estabelece, por sua iniciativa, o fim da servidão e o princípio da liberdade.

A mudança da ordem antiga para a nova é radical e não gradual, contínua ou progressiva como a da ordem antiga. Agostinho Neto propõe a sua eliminação súbita num ato único de criação. Esse processo é representado de forma retórica por imagens de desordens. Em “Aqui no Cárcere” o ato de criação é demonstrado pela tempestade que se aproxima:

Espero pacientemente
O acumular das nuvens
...
Ninguém impedirá a chuva. (p. 138)

Interpreto a presença da convulsão da natureza como representando a substituição da resignação pela criação. A função do cataclismo da natureza é tornar possível o homem novo, aquele que se senta à mesa do festim do poema “A voz igual”:

Soltem-se as catadupas as torrentes
Vibrem em desgraças as florestas
venham temporais que arranquem
As árvores pela raiz.

O homem novo nasce dos seus restos nos cemitérios da ignorância. Ter esperança no futuro cede lugar a ser-se completamente no presente. No dia do festim transformam-se os dados imediatos da consciência. A liberdade será certamente o motivo do banquete, a mola propulsora da consciência: “Um amanhecer vital/ Em que se transformam as sensações orgânicas” (p. 155).

Finalmente, a máquina deixará de ser um instrumento passivo de servidão e passará a ser, à maneira de Álvaro de Campos, uma possibilidade consciente de criação.

Sagrada esperança representa o trânsito da consciência desde o caos da inconsciência até o apogeu no poema “A voz igual”:

Do caos para o reinício do mundo
...
e entrar no concerto harmonioso do universal. (p. 156)

Porém, para o poeta, o sujeito desse processo de busca da consciência não enfoca o ego, mas a consciência coletiva. Tradicionalmente o gênero que se ocupa da representação da transformação coletiva e da consciência nacional é o gênero épico. Contudo, **Sagrada esperança** não é uma epopéia no sentido tradicional, porque a visão do homem novo não é imediata, mas profética. Representa o campo ideal para se medir as possibilidades de sucesso do programa poético do realismo para representar as experiências do terceiro mundo e de suas lutas e angústias.

Penso que **Sagrada esperança** é a primeira grande e bem-sucedida proposta de realização de um poema nacional de Angola. Da Angola que se quer construir e onde se quer viver.

ABSTRACT

The current essay argue on its title the concept of a consciousness rising and discuss the divers sens of a conscience and unconsciousness related to the expression of “angolanidade” oriented by the poems from the book **Sagrada esperança**. By evidencing the “angolanidade” as the biggest concern of a generation of writers who helped to build a project of conscience indispensable for the structure of the Angola nation, it have in view how that concept is current in the book, defining an elaboration who wish to be complete and utopic.

Key words: Agostinho Neto; **Sagrada Esperança**; Becoming conscious; Angolan-ness.

Referências bibliográficas

CRAVEIRINHA, José. **Xigubo**. Lisboa: Edições 70, 1980.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Peles negras, máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

HAMILTON, Russell. **Voices from an empire: a history of afro-portuguese literature**. Minneapolis: University Minnesota Press, 1975.

NETO, Agostinho. **Sagrada esperança**. 11. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1987.